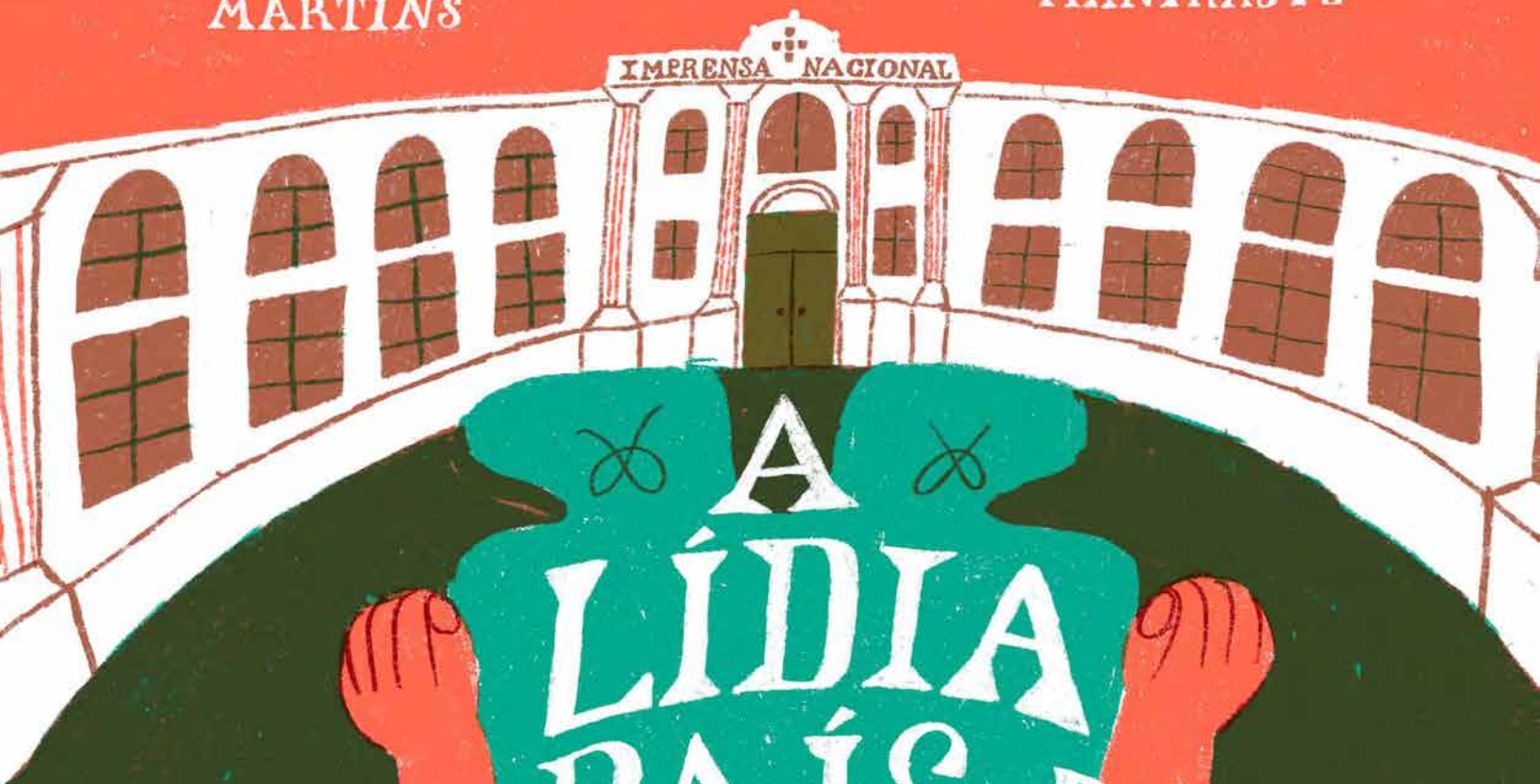


TEXTO  
LUÍS ALMEIDA  
MARTINS

ILUSTRAÇÕES  
MANTRASTE



A  
LÍDIA  
NO PAÍS DAS  
ARMADILHAS  
A HISTÓRIA MARAVILHOSA DA IMPRENSA NACIONAL







A  
LÍDIA  
NO PAÍS DAS  
ARMADILHAS

A HISTÓRIA MARAVILHOSA DA IMPRENSA NACIONAL

TEXTO  
LUÍS ALMEIDA  
MARTINS

ILUSTRAÇÕES  
MANTRASTE

 Pato Lógico

**N** IMPRENSA  
NACIONAL







Conheces a Lídia? O mais certo é não, porque ela anda numa escola muito longe da tua e só por acaso se teriam cruzado num sítio qualquer. Mas isso não tem importância. Vais passar a conhecê-la, porque vou apresentar-ta.

A Lídia é, lá na escola onde anda, muito popular por dois ou três motivos. O primeiro é que sabe responder na ponta da língua a quase todas as perguntas que lhe fazem, e isto quer as perguntas sejam postas por colegas, quer por professores. Nem sempre responde de forma acertada, mas o tio do Vicente costuma dizer que muitos sábios antigos achavam que a Terra era plana, e não era por tal motivo que deixavam de ser sábios (bem, isto não interessa para a história da Lídia). O facto de a Lídia responder a tudo faz dela uma rapariga sábia.

Outro motivo por que é tão popular na escola é o nome. Por um lado, os colegas admiram-na, por outro, metem-se um bocadinho com ela. Dizem que Lídia é nome de velha (embora eu ache que é mais de feiticeira). A Lídia diz que não se importa que façam troça do nome, mas se calhar importa-se e não quer admiti-lo. Ela chama-se Lídia porque era o nome da bisavó. E depois foi o nome da avó. E o da mãe. E o dela, pronto. (O pai pôs-se um dia a ler uns documentos antigos e descobriu que a trisavó e a tetravó também já eram Lídias.)

A Lídia também é popular por ser muito imaginativa. E uma das características dela, que todos os colegas e amigos conhecem, é comer pouco — o que é tão mau como comer muito. Até já teve uma quebra de tensão na aula de Francês.





A professora de História da turma do 9.º ano em que anda a Lídia está sempre a ter ideias. Até lhe chamam a Setôra Ideias. Como é habitual fazer-se uma viagem de fim do curso básico nas férias da Páscoa e a maior parte dos alunos da turma não tinha nem dinheiro nem autorização dos pais para ir ao estrangeiro, a Setôra Ideias lembrou-se de propor uma visita a... Lisboa.

— A Lisboa? — perguntaram todos em coro, como se tivessem ensaiado, e arrastando muito o «o» da palavra Lisboa. — Mas em Lisboa estamos nós, ou quase!

Faltava o quase. E mesmo os miúdos e as miúdas que tinham nascido ou vivido na cidade propriamente dita pouco conheciam dela. Tinham visto o movimento dos automóveis, dos autocarros e dos elétricos, tinham olhado para as fachadas dos prédios pombalinos, dos prédios modernos e dos prédios assim-assim, tinham comido uma fatia de salame de chocolate e bebido um *iced tea* numa pastelaria — mas nada mais do que isso. O que haveria na parte de trás das coisas?

Uma professora de Português — por acaso não foi a Setôra Ideias — recomendou um dia à turma a leitura de um livro chamado *Alice no País das Maravilhas*. Esse livro foi escrito há muitos anos por um inglês chamado Lewis Carroll, mas isso não impede que a professora de Português o tenha recomendado, até porque tem tido muitas traduções na nossa língua. Parece que isto não vem a propósito, mas vem. É que a protagonista desse livro, a tal Alice, descobre um outro lado da realidade.







— Vocês até podem conhecer Lisboa — disse a Setôra Ideias na aula em que falou sobre a viagem de fim de curso — mas só veem o que está mais à vista. Ora, existem outras coisas que é preciso desvendar.

— Coisas misteriosas? Do tipo armadilhas? — perguntou o Vicente, que é o sobrinho do tal tio, pondo o dedo no ar.

— Muito misteriosas — respondeu a Setôra Ideias. — Cheias de escadinhas e armadilhas. Por exemplo, museus. E quem diz museus diz bibliotecas e coisas assim. São lugares cheios de coisas antigas e prodigiosas. Tão fascinantes como passagens secretas.

A Setôra Ideias ficou um bocadinho a pensar nos livros da Enid Blyton que lera em criança e depois bateu com a palma da mão na testa.

— Tive uma ideia — disse. — A Imprensa Nacional faz 250 anos agora em 2019. Foi fundada em 1769. Ou melhor, na véspera de Natal de 1768, o que vem quase a dar no mesmo, porque o dia 24 de dezembro fica no finzinho do ano. Vocês têm de ir conhecer a Imprensa Nacional! Alguém sabe o que é a Imprensa Nacional?



#### UMA TIPOGRAFIA NUM PALÁCIO?

Nenhum dos alunos da turma conhecia ainda aquilo de que a professora estava a falar. Mas em breve ficariam a saber que a Imprensa Régia tinha sido provisoriamente instalada no Palácio Soares de Noronha, situado no mesmo local onde se ergue o atual edifício. Era preciso escolher um prédio que resistira ao arrasador terramoto de 1755. Que excitante! Já vais ver o que acontece...



# DO PASSADO AO FUTURO

— Como ainda não acabámos a visita à Imprensa Nacional, aproveitamos a sugestão da Lídia — disse a Setôra Ideias, rindo. — Ela vai servir-nos de guia...

Piscou o olho para a turma em geral e para a senhora e o senhor muito simpáticos que os tinham recebido no átrio e começaram todos a passar em revista o passado daquela fábrica de letras e de livros, projetando-o para o futuro.

— Se as maquinetas antigas nos convidam a refletir sobre a grande caminhada humana, as modernas tecnologias fazem-nos sonhar — comentou a Setôra Ideias.

— Eu cá — disse a Lídia — não sonho: vou mesmo ao passado e ao futuro e vivo as coisas por dentro.

Acreditem!...

— Não me digas que viajas até ao País das Maravilhas... — disse o Vicente, com um ar levemente trocista.

— Eu acho que é antes ao País das Armadilhas — respondeu a Lídia, muito séria e cheia de convicção. — Tudo isto está cheio de truques, alçapões e outras coisas prodigiosas. E, nessa viagem fantástica, utilizo o Cartão do Cidadão e o Passaporte Eletrónico, que ainda por cima são feitos pela INCM. Viva a Imprensa Nacional!

— Coisas que o rei D. José e o Marquês de Pombal nunca suspeitariam que pudessem vir a existir, a não ser ao nível da magia... — acrescentou a Setôra Ideias, rindo.

A senhora e o senhor muito simpáticos também riram e a turma (apesar de já ser do 9.º ano) fez uma certa barulheira. Foi preciso a Setôra Ideias deixar cair o sorriso e impor a ordem, ajeitando os óculos.



# EVOLUÇÃO DO DIÁRIO DA REPÚBLICA

O *Diário da República* não foi sempre digital. Também não se chamou sempre *Diário da República*. Começou por se chamar *Gazeta de Lisboa*, no século XVIII, e publicava notícias da vida das cortes europeias, do quotidiano religioso e de acontecimentos políticos, sociais e económicos. No século XIX, depois de mudar várias vezes de nome, passou a chamar-se *Diário do Governo* e a publicar a legislação oficial. Depois do 25 de abril de 1974, a sua designação foi alterada para *Diário da República*.

1778



1860



1914





1834



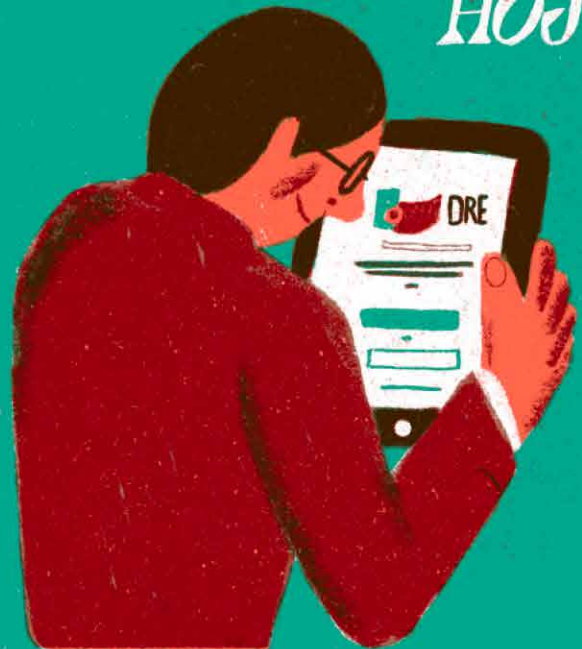
1835



1976



HOJE

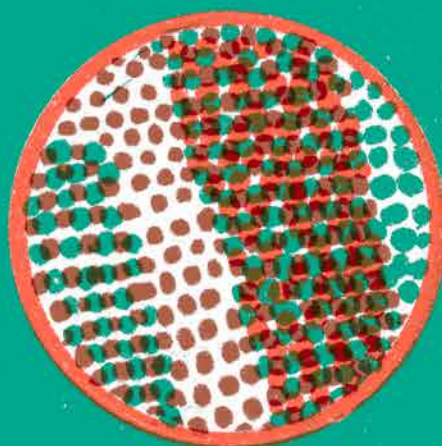




# INVENÇÕES MARAVILHOSAS

A Imprensa Nacional-Casa da Moeda soube adaptar-se às mil maravilhas às inovações da segunda década do século XXI. Nasceram assim um laboratório chamado INCMLAB e a Rede de Inovação INCM, em que entram universidades, centros tecnológicos e de investigação e outras instituições.

Os projetos de inovação mais recentes desta «casa» fundada pelo rei D. José e pelo Marquês de Pombal são: o UniQode, o Card3DFace, o Nanomarcador, o Papel Secreto e o novo motor de pesquisa inteligente e do Diário da República Eletrónico!



## UNIQODE®

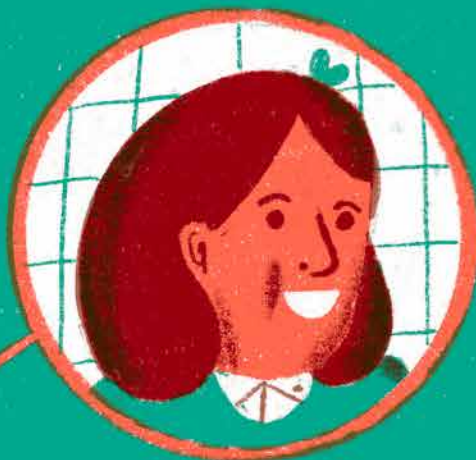
Introduzido em 2017, é um sistema que permite certificar automaticamente documentos e selos de autenticação, validando por exemplo o holograma.

## NANO- MARCADOR

Falsificar documentos tomar-se-á quase impossível quando estiver em pleno uso pela INCM uma tinta cheia de tinta.







## CARD3DFACE®

Vai ser possível em breve visualizar a cara de uma pessoa em 3D a partir da foto do documento de identificação. Sorria, por favor!



## TRUSTFACE®

Desde 2018 é já difícil falsificar fotos de documentos de identificação, porque esta tecnologia revela as aldrabices



## ALMASCIENCE/ GOLAB

O papel vai ser usado de formas inovadoras: rótulos inteligentes, biossensores para análises clínicas, revestimento de edifícios... D. José teria gostado de possuir este material no seu palácio de madeira.



**A LÍDIA NO PAÍS DAS ARMADILHAS**  
A História Maravilhosa da Imprensa  
Nacional

Edição: ©Imprensa Nacional-Casa  
da Moeda/©Pato Lógico Edições  
Texto: ©Luís Almeida Martins  
Ilustrações: ©Mantraste  
Direção de Arte: Pato Lógico  
Design e Paginação: Andreia  
de Almeida/Pato Lógico  
Revisão Técnica e Científica: Inês  
Queiroz, Rúben Dias  
Revisão: Imprensa Nacional-Casa  
da Moeda  
Impressão e acabamentos: Imprensa  
Nacional-Casa da Moeda  
1.ª edição: Novembro de 2019  
ISBN: 978-972-27-2789-1  
Depósito legal: 457829/19  
N.º de edição: 1023587

Este livro foi composto em caracteres  
da família Azo Sans (©Rui Abreu)  
e impresso em papel Olin Regular  
Natural White 120 g (miolo),  
e Couché Mate 120 g (sobrecapa).

Outros livros da coleção  
comemorativa dos 250 anos  
da Imprensa Nacional:

**TIPOS CURIOSOS**

Pequena História das Letras  
Texto: ©Ricardo Henriques  
Ilustrações: ©Madalena Matoso  
Consultoria Científica: Rúben Dias

**O QUE VEM A SER ISTO?**

A História de Um Objeto  
Surpreendente  
Texto: ©Rita Canas Mendes  
Ilustrações: ©André Letria  
Consultoria Científica: Rúben Dias



Imprensa Nacional é a marca editorial  
da Imprensa Nacional-Casa da Moeda





LIDIA

IMPRESA  
NACIONAL



A Imprensa Nacional nasceu há 250 anos, quando o Rei D. José I assinou o alvará que o famoso Marquês de Pombal lhe colocou diante do nariz. Nascia assim a Impressão Régia (o nome da editora oficial naquele tempo) que começou a funcionar no início de 1769. Mas, apesar da idade, a Imprensa Nacional continua jovem. A Lídia e a sua turma foram visitá-la e este livro conta como essa visita se transformou numa viagem maravilhosa pelo tempo.

